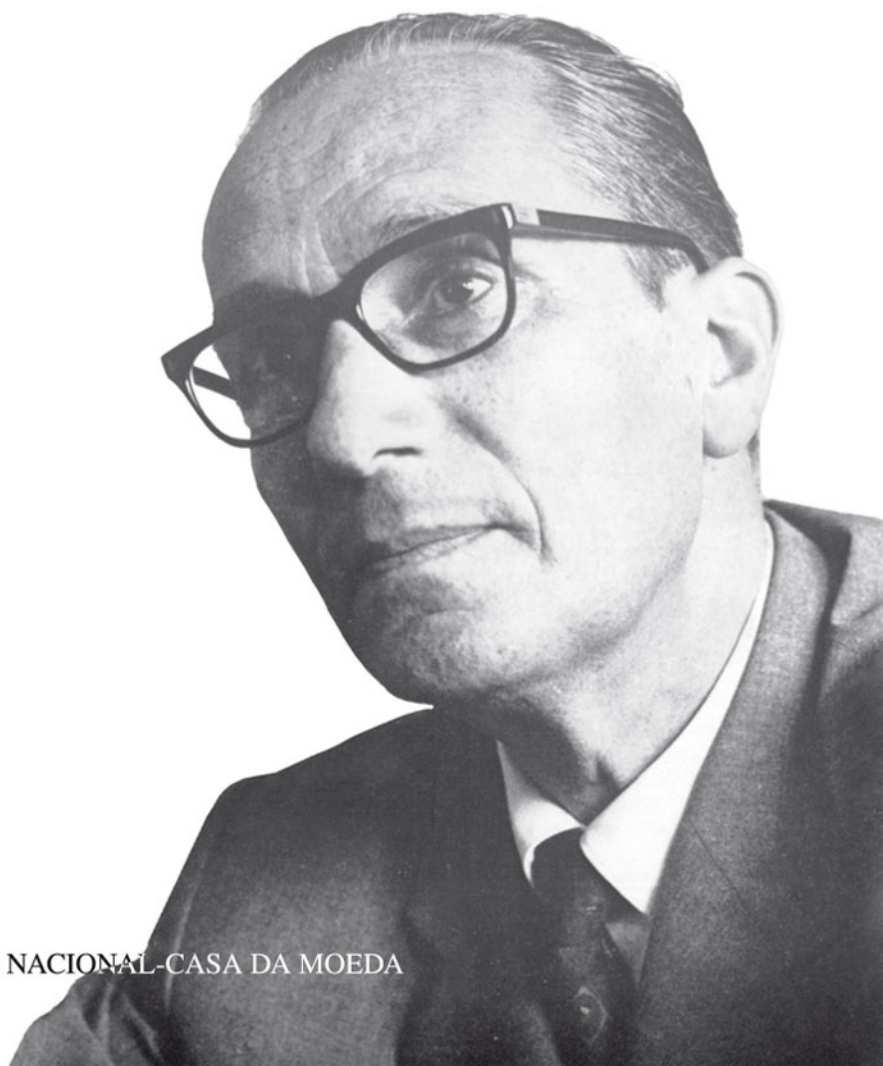


Maria de Lurdes Santos Fonseca Marques

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE DELFIM SANTOS



IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

PREFÁCIO

Entre os filósofos portugueses do século XX, Delfim Santos goza da particularidade de ter definido o seu pensamento em diálogo directo com os principais representantes das grandes tendências dominantes na sua época — o saber científico e o neopositivismo. Viena e Berlim são os centros prestigiados do pensamento europeu que oferecem a Delfim Santos a oportunidade do conhecimento directo dos grandes titulares da filosofia das ciências e do neopositivismo, e, mais tarde, da corrente fenomenológica e existencialista.

A autonomia do seu pensamento filosófico vai-se definindo na linha de uma ontologia fundamental, que tem a realidade da existência humana como principal referência. Os temas do conhecimento, da pedagogia e da cultura polarizam a maior parte da sua produção escrita, sem obedecerem a um plano sistemático de criação filosófica. Ontologia fundamental e metafísica existencial constituem o elemento mais característico do pensamento original de Delfim Santos. O horizonte ontológico do(s) conhecimento(s) prolonga-se, na meditação delfiniana, na busca infatigável do ôntico no metafísico, que se identifica com o essencial mais original e originante da existência humana. Ôntico e existencial, da e na existência humana, remetem para o contributo mais pessoal e mais original da reflexão filosófica de Delfim Santos, que perscrutou no existir quotidiano do ser humano, particularmente nas realidades comuns da pedagogia e da cultura, o sentido mais radical duma antropologia ou filosofia do homem.

Esta convergência para o mais íntimo e essencial do que constitui o ser humano na sua existência opõe-se radicalmente aos reducionismos e desvirtuações do saber e da civilização contemporâneos,

que aprisionam e esvaziam a riqueza ôntica do ser humano. Neste aspecto, a meditação filosófica de Delfim Santos continua a palpitar de actualidade, como advertência dolorida sobre a onda de superficialidade e de certa irresponsabilidade que se instalou na nossa sociedade.

O presente trabalho de Maria de Lurdes Marques é levado a cabo como resposta à necessidade de actualização da filosofia na actividade de docência a nível do ensino secundário. Cremos que é tempo, de facto, de contrariar a crítica e desalentadora observação de Eduardo Lourenço sobre o lugar da obra de Delfim Santos no panorama da cultura portuguesa do século XX, que, «por excesso de actualidade e de tecnicidade, ficou sem escuta». Nesse sentido, a abordagem aqui apresentada tem duas características que importa salientar. Por um lado, a análise da obra de Delfim Santos é conduzida pela temática geral da filosofia, no seu sentido mais amplo, mas deixando bem patente o cunho pessoal e original do autor, no debate crítico com as diversas correntes contemporâneas. O valor existencial da filosofia e a sua função fundamentadora do conhecimento e do saber em geral são devidamente analisados e apresentados com clareza e linguagem acessível ao estudante de filosofia e a todo o espírito dotado de curiosidade pelas manifestações originais e rigorosas de reflexão filosófica, entre nós e em português.

Por outro lado, são importantes as referências de contextualização cultural e filosófica do panorama português da primeira metade do século XX. Numa linha de proximidade com Álvaro Ribeiro, e, sobretudo, com Leonardo Coimbra, cujo magistério influencia decisivamente a orientação de Delfim Santos para a filosofia, e, desde o início, para a importância da gnosiologia e da metafísica. Por semelhança de temática, ainda que com diferente orientação, na vertente positivista e neopositivista, bem como na filosofia das ciências, situam-se os nomes de Teófilo Braga, Abel Salazar e Edmundo Curvelo. Não é uma análise exaustiva dos nossos pensadores dessa época, nem sequer do pensamento dos autores mencionados, mas é significativa e suficiente para melhor avaliação do pensamento de Delfim Santos, e, ainda, como sugestão de novas pistas de estudo e de análise da nossa produção filosófica contemporânea.

Aoivar a consciência de uma tradição a ser continuada é tanto mais urgente quanto a carência continua a fazer-se sentir com o

acentuar da actual crise de cultura e de pensamento. A exemplo de Delfim Santos, é imprescindível a coragem da dedicação à filosofia, com a mesma qualidade e com o mesmo rigor que pautou a sua obra e a sua acção.

A introdução que Maria de Lurdes Marques nos oferece é um óptimo contributo para um conhecimento mais profundo desse exemplo e para o desafio que a sua obra continua a lançar-nos, apesar de algo esquecida, de modo particular a nível do ensino secundário.

JOSÉ GAMA

INTRODUÇÃO

Delfim Santos é essencialmente um filósofo atento a toda a produção filosófica que se faz no estrangeiro mas a sua filosofia apresenta-se, desde logo, com perspetivações inovadoras em todas as áreas do saber.

Com efeito, um dos traços característicos da posição filosófica delfiniana é demarcado pela autonomia do seu pensamento, se bem que a influência de outros autores seja relevante, particularmente da corrente fenomenológica da filosofia alemã, nomeadamente Husserl, Nicolai Hartmann, Heidegger, entre outros autores a quem Delfim Santos se refere com frequência como referenciais paradigmáticos da filosofia actual.

Não obstante a inegável influência de outros filósofos, constatamos que a postura filosófica de Delfim Santos assenta, essencialmente, na análise e na avaliação radical, assumindo, desde sempre, uma posição crítica que acompanha o seu modo peculiar de filosofar.

A riqueza temática do pensamento delfiniano tem vindo a despertar, de forma crescente, o interesse dos investigadores, particularmente na sua vertente pedagógica. Todavia, a abordagem aqui efectuada, sem descurar essa via, centra-se predominantemente na área da filosofia das ciências e da metafísica.

É nesse sentido que o texto aqui apresentado se desenvolve numa linha sequencial, cuja trajectória vai no sentido de evidenciar a ênfase que a autora colocou ao nível da gnosiológica e da metafísica de Delfim Santos.

ÍNDICE

Prefácio, por JOSÉ GAMA	7
INTRODUÇÃO	11

CAPÍTULO I

A filosofia da ciência: modelos referenciais do positivismo e do antipositivismo em Portugal

1. O positivismo em Portugal: breves referências	15
2. O apostolado positivista de Teófilo Braga	17
3. Abel Salazar: o carácter peculiar da sua postura neopositivista	21
4. Antipositivismo de Leonardo Coimbra	26
4.1. A fundamentação gnosiológica perspectivada na base da adaptação vital	30
4.2. A filosofia e o seu papel pedagógico	31
4.3. A categoria da liberdade	32
5. Álvaro Ribeiro: a filosofia como arte de filosofar	34
6. O logicismo de Edmundo Curvelo	37
6.1. Da defesa da psicologia como ciência autónoma à logificação da psicologia	39
6.2. A relação entre a ciência e a filosofia	42

CAPÍTULO II

Da valoração crítica do positivismo à defesa da autonomia da filosofia

1. Introdução	47
1.1. A postura filosófica do neopositivismo.....	48
1.2. Análise crítica da verificação e sentido dos enunciados científicos	54
1.3. O atomismo lógico: a problemática ontológica a ele inerente	61
1.4. A necessidade da autonomia do filosofar	64
1.5. Conclusão.....	66

CAPÍTULO III

O conhecimento como problema fundamental

1. A problemática da realidade no contexto do conhecimento	69
1.1. O conhecimento como necessidade intrinsecamente humana	77
1.2. A construção do facto científico e a verdade como adequação	78
1.3. Conhecimento, explicação e generalização	82
1.4. Uma visão pluralista — as categorias da realidade: matéria, vida, consciência, espírito.....	86
1.5. Os momentos fundamentais do conhecimento: a transcendência e a objecção	89
2. Critérios de demarcação entre o saber científico e o saber filosófico	91
2.1. O critério de utilidade na ciência e na filosofia	92
2.2. O critério do progresso na ciência e na filosofia	95

CAPÍTULO IV

O estatuto da filosofia no pensamento de Delfim Santos

1. A especificidade da filosofia	99
1.1. A dificuldade de determinação do objecto da filosofia	101
1.2. O carácter aporético da filosofia	106
1.3. A necessidade da determinação categorial como vocação intrínseca da filosofia	110
1.4. A concepção ontoantropológica de Delfim Santos ...	114

CAPÍTULO V

A filosofia como ontologia fundamental

1. A filosofia como actividade de fundamentação	121
1.1. A especificidade do objecto da metafísica	122
1.2. A função objectivante da filosofia	125
1.3. A ambiguidade do termo «metafísica»	128
1.4. Que tipo de fundamentação para a metafísica?	130
1.5. A metafísica como ciência do existente	132
1.6. A actividade de síntese como vocação da metafísica	136
1.7. A filosofia como metafísica existencial	138
CONCLUSÃO	141
<i>Bibliografia</i>	145